

SOLANGE PEREIRA WANICK VANNUZINI

***AS RELAÇÕES PARENTAIS NA CONTEMPORANEIDADE E
SUAS IMPLICAÇÕES NO COTIDIANO DA EDUCAÇÃO
INFANTIL***

MONOGRAFIA

*DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
COORDENAÇÃO CENTRAL DE EXTENSÃO*

Rio de Janeiro

Março de 2007

DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO
EM EDUCAÇÃO INFANTIL:

Perspectivas do Trabalho em Creches e Pré-escolas

**As Relações Parentais na Contemporaneidade e suas
Implicações no Cotidiano da Educação Infantil**

Solange Pereira Wanick Vannuzini

Orientadora: Prof^a Maria Cristina Carvalho

Solange Pereira Wanick Vannuzini

**As Relações Parentais na Contemporaneidade e suas
Implicações no Cotidiano da Educação Infantil**

ORIENTADORA: Prof^a Maria Cristina Carvalho

Rio de Janeiro
Março de 2007

***Ao meu filho Luca,
fonte de luz em minha vida
e incentivador dos meus estudos e conquistas.***

Agradecimentos

*À professora Maria Cristina Carvalho, pelo olhar cuidadoso, instigador, atento e pela constante disponibilidade;

*A Silene e Alexandre, que tão carinhosamente cuidaram do meu filho para que eu pudesse freqüentar o curso, à noite;

*Ao meu pai que intuiu que havia muita vida nos livros...

*À minha mãe, pelo esforço diário em busca de uma formação digna para cada uma de suas filhas;

*À todas as pessoas que contribuíram com seus depoimentos, fundamentais para as minhas reflexões: crianças, pais e mães, professores e demais profissionais vinculados à Educação Infantil;

*Às colegas de minha turma, pela oportunidade de conhecer e partilhar suas experiências e realidades (tantas e tão diversas...), dúvidas e êxitos;

*Finalmente, a todos os professores do curso que puderam, com seus conhecimentos e olhares, orientar os nossos estudos.

Resumo

Este trabalho aborda a questão das relações entre pais e filhos na contemporaneidade e o reflexo das mesmas no dia-a-dia das escolas de Educação Infantil.

No intuito de ampliar o olhar sobre este tema, apresento um breve histórico sobre infância e família, revendo, também, um pouco da história da Educação Infantil.

Dentro de uma visão que considera a influência das transformações histórico-econômicas nas relações sociais, teço algumas reflexões sobre as mudanças ocorridas nos modos de produção e suas implicações na organização da família e sua forma de se relacionar .

A seguir, abordo a questão do consumo e sua influência sobre as pessoas na contemporaneidade, dando um destaque especial para o brinquedo como intermediador das relações entre pais e filhos.

Apresento os depoimentos de pais, crianças e outros profissionais ligados à escola, relacionando-os a alguns teóricos com os quais tive oportunidade de “dialogar” durante o curso ora em conclusão e outros que pude conhecer a partir da minha busca por um maior aprofundamento sobre esse assunto.

Concluindo, trago considerações sobre o olhar da escola para o tema das relações entre pais e filhos na contemporaneidade, apontando algumas possíveis iniciativas que contribuam no sentido de que as dificuldades vividas por todos - família, crianças e a própria escola - possam ser minimizadas ou mesmo superadas.

Palavras-chave: Infância – Família – Relação pais e filhos na contemporaneidade.

Sumário

Introdução	8
1.Criança, Família e História.....	10
2.Transformações sofridas pela família:	
2.1- <i>A família e sua relação com os modos de produção.....</i>	14
2.2- <i>Mudou...e agora?</i>	
<i>Dificuldades observadas na relação entre pais e filhos.....</i>	16
3.Com a palavra, a família e a escola.....	18
4.O consumo e o lugar do brinquedo na relação entre pais e filhos.....	24
5.Pais, filhos e o dia-a-dia da Educação Infantil.....	31
Considerações finais.....	36
Referências	
Bibliográficas.....	38
Apêndice.....	40

Introdução

O presente trabalho pretende abordar a questão das relações entre pais e filhos na atualidade e como estas se revelam no cotidiano escolar, especialmente no segmento da Educação Infantil.

Reconhecendo as grandes mudanças pelas quais vem passando a família, no exercício dos seus papéis e na educação das crianças, vemos que elas trouxeram conseqüências, muitas delas positivas, como a busca do reconhecimento de que a criança é um sujeito de direitos e, como tal, precisa ser ouvida e respeitada; a maior participação dos pais na educação e no cotidiano das crianças (assumindo responsabilidades e tarefas que eram somente atribuídas e cobradas das mulheres), assim como um olhar mais respeitoso e cuidadoso para a infância (antes visto apenas como um período a ser atravessado para se atingir a fase adulta e “produtiva”).

Da mesma forma, também vemos dificuldades na relação entre pais e filhos e, é sobre elas que o presente trabalho trará algumas reflexões.

Para uma melhor compreensão das mudanças ocorridas nessa interação e como elas chegaram a se configurar nos dias de hoje, farei um breve retrospecto sobre os temas da infância e da família, enfocando as transformações sofridas através do tempo.

Gostaria de ressaltar, especialmente, a questão do consumo exacerbado que vem atravessando de forma contundente o relacionamento entre as pessoas, destacando o papel que o objeto “brinquedo” (moeda de barganha?), muitas vezes, vem ocupando nas relações entre pais e filhos.

O objetivo principal de minha escolha por este tema é, na verdade, a busca de uma compreensão maior sobre as **dificuldades observadas nas relações entre pais e filhos**, assim como refletir sobre o que cabe à escola no tratamento desta questão.

A partir de observações e experiências vividas no cotidiano de duas escolas particulares de Educação Infantil, situadas na cidade do Rio de Janeiro, venho lidando, ao longo de muitos anos (como professora e no cargo de coordenação pedagógica) com inúmeras crianças e suas famílias, constatando que, muito freqüentemente, tem havido um descompasso nas relações: pais atônitos, sem referenciais de atuação, buscando a ajuda da escola para poder lidar com os próprios filhos. Quando falo em “lidar”, me refiro a questões básicas: como trabalhar com os limites, organizar uma rotina de sono, alimentação e lazer adequados às crianças etc.

Tem sido comum convivermos na escola com “pequenos tiranos”, crianças que não têm conseguido viver a negação, suportar frustrações (ainda que bem pequenas!), demonstrando até um certo sofrimento ao entrar em contato na escola com outras crianças e adultos que, de alguma forma, trazem dados da realidade para elas, bem diferentes daqueles que vivem no seio familiar.

Essas mesmas crianças, no entanto, vêm revelando insegurança e despreparo para conviver, trocar, compartilhar espaços, atenção e as próprias experiências com os adultos e outras crianças.

Por outro lado, vejo a Escola, que também parece despreparada para lidar com as novas demandas, isentando-se, muitas vezes, de ocupar um lugar, que também é seu, na criação de espaços de discussão e reflexão sobre as questões da criança, da família e da Escola na contemporaneidade.

Considero da maior importância a reflexão sobre esse tema, principalmente, porque as pessoas parecem não estar felizes; há um grande desconforto no relato dos pais, dos educadores e nas dificuldades vividas pelas crianças; uma boa dose de angústia, parecendo vir com ela e, de todos eles, um pedido de ajuda...

Ouvindo tantos relatos, observando tantas situações, gostaria de ter mais clareza sobre o que está acontecendo para, de fato, poder contribuir, do lugar que ocupo atualmente, de uma maneira mais consistente.

Capítulo 1

***Criança, Família e História**

Ao contrário do que supõe uma visão superficial e pouco conectada aos processos sócio-histórico-culturais, a criança e a família nem sempre foram vistas e entendidas como nos tempos atuais. Além do mais, tendemos a universalizar esses conceitos, não levando em conta as múltiplas culturas que os permeiam.

Fazendo um breve histórico, à luz das contribuições trazidas, principalmente, pelo pesquisador francês Philippe Ariès (1981) vemos que a criança não pode ser vista e entendida desvinculada de sua condição e natureza histórica e social, ou seja, as formas de organização político-sociais e as relações de produção vão influenciar definitivamente o papel da infância e os sentimentos em relação a ela.

O mesmo autor, tomando como ponto de partida a sociedade medieval, aponta a inexistência de um sentimento de infância, de consciência da particularidade infantil, daquilo que diferencia a criança do adulto, neste período da História.

Isto fica muito claro nas diferentes representações artísticas da época, que retratam as crianças como miniaturas de adultos, tanto na maneira de se vestir, como na desproporção de seus corpos. É muito significativo, pois elas eram mesmo consideradas adultos de pequeno tamanho, executando as mesmas tarefas dos mais velhos.

A infância era encarada como um período de transição, que deveria ser ultrapassado rapidamente para que a criança pudesse logo participar do trabalho e da vida adulta.

Outro aspecto importante de se ressaltar, quando se fala de um olhar sobre infância, refere-se à questão da sobrevivência das crianças.

Como as condições de vida e higiene eram muito precárias, o índice de mortalidade era altíssimo, o que, certamente influenciava a forma como os pais com elas se relacionavam:

“A família não podia, nessa época, alimentar um sentimento existencial profundo entre pais e filhos. Isso não significa que os pais não amassem seus filhos,: Eles se ocupavam de suas crianças menos por elas mesmas, pelo apego que lhes tinham, do que pela contribuição que essas crianças podiam trazer à obra comum, ao estabelecimento da família. A família era uma realidade moral e social, mais do que sentimental. Nos meios mais ricos, a família se confundia com a prosperidade do patrimônio, da honra, do nome. A família não existia sentimentalmente entre pobres, e quando havia riqueza e ambição, o sentimento se inspirava no mesmo sentimento provocado pelas antigas relações de linhagem” (Ariès, 1981, p.231).

Ultrapassado o período mais crítico de sobrevivência, por volta dos sete anos de idade, as crianças, ricas ou pobres, eram colocadas em outras famílias para aprender, através da prática, os serviços domésticos. Nessa situação, o anfitrião era chamado de mestre e a criança, aprendiz.

Esses serviços eram valorizados e cabia ao mestre, não apenas ensinar a elas um ofício, mas também transmitir toda a experiência prática e o valor humano que pudesse possuir.

Na Europa Ocidental, por volta do século XVI as relações sociais alteraram-se, com a transição do feudalismo para o capitalismo, influenciando a organização familiar e o sentimento de infância:

“A criança nobre tornou-se fonte de alegria dos adultos; surgiu um sentimento de dor e piedade pelas crianças que morriam cedo e passou-se a conservar os retratos dos filhos falecidos e vivos... Esta importância que começou a ser conferida à criança na Idade Moderna, estava associada à cristianização mais profunda dos costumes. É interessante ressaltar que a criança da plebe não se beneficiava desse tratamento: ainda vivia, em termos de valorização de sua infância, como na Idade Média” (Farias, 1997, p.12)

Denominou-se “paparicação” a essa nova atitude em relação à criança: sua ingenuidade, graça e gentileza passaram a ser fonte de distração, primeiro para suas avós ou mães, depois para os demais adultos que dela se ocupavam.

Em contraposição a essa nova atitude, surgem reações críticas, sobretudo no século XVII, de irritação e hostilidade, como se a criança não fosse merecedora de atenção e afeição:

“Não posso conceber essa paixão que faz com que as pessoas beijem as crianças recém-nascidas, que não têm ainda nem movimento na alma, nem forma reconhecível no corpo pela qual se possam tornar amáveis, e nunca permiti de boa vontade que elas fossem alimentadas na minha frente.” (Montaigne, *Essais*, II, 8.)

O sentimento caracterizado pela paparicação surgiu no meio familiar, enquanto o segundo, de “moralização”, proveio dos eclesiásticos, dos homens da lei e de moralistas do século XVII, preocupados com a disciplina e a racionalidade dos costumes.

“A criança deixou de ser divertida e agradável e tornou-se educável; a aprendizagem perdeu seu caráter empírico, adquiriu uma forma mais pedagógica e passou a ser feita nas escolas através do ensino de teorias de ofícios.” (Ariès, 1981, p.232)

Surge, então, a proposta de educação e moralização das crianças pequenas, com o objetivo de torná-las, quando adultas, pessoas honradas e racionais. Essa tarefa foi passada à escola, que nessa época já atendia a leigos nobres, burgueses e às classes populares.

Os pais passam a aceitar essa nova visão de infância, buscando acompanhar mais de perto seus filhos e não mais delegando a outras famílias a tarefa de educá-los.

“Esta aproximação pais-criança, gerou um sentimento de família e de infância que outrora não existia, e a criança tornou-se o centro das atenções, pois a família começou a se organizar em torno dela.” (Faria, 1997, p. 13)

Com a Revolução Industrial, marcando a consolidação da sociedade capitalista, o ingresso da criança na produção é retardado, pois ela precisa de mais tempo de escolarização para assimilar os novos conhecimentos de ciência e tecnologia.

Isto se refere, principalmente, à criança burguesa, já que, para as mais pobres, não há um padrão mínimo de vida, as oportunidades de estudo estão restritas e elas precisam trabalhar desde muito cedo. Não se pode mais falar de um sentimento de infância desvinculado do lugar social e econômico que ela ocupa:

“Assim, deve-se partir do princípio de que as crianças têm modos de vida e inserções sociais completamente diferentes umas das outras, o que reflete nos diferentes graus de valorização da infância pelo adulto. É a partir das condições objetivas, das condições econômicas, sociais, políticas e culturais que a criança pode ser analisada.” (Faria, 1997, p.18)

A partir do século XVIII, Século das Luzes, surgem iniciativas na Europa de atendimento e educação à criança pequena, pré-escolar.

Com a entrada da mulher no mercado de trabalho, há que se criar locais de abrigo, asilos, refúgios, onde as crianças permaneçam enquanto suas mães “produzem”. Assim, em 1774, surge o que é considerado pela História a primeira Escola Maternal, criada pelo pastor Oberlin, na França, caracterizando, também, a primeira experiência formal de atendimento à criança pequena.

Várias outras iniciativas de atendimento, de cunho filantrópico e assistencialista, surgem por toda a Europa. Mais marcadamente no século XIX cresce a preocupação não apenas de assistir às crianças, mas de educá-las e instruí-las. Ressalta-se, aqui, a importância do alemão Fröebel, considerado o “Pai do Jardim da Infância”:

“Fröebel cria, em 1837 o primeiro Jardim de Infância – Kindergarten. Para Fröebel, a criança, tal como a planta, deve desenvolver-se por uma atividade interna que ninguém pode realizar por ela. O mestre, tal como o jardineiro, deve apenas colocá-la em condições mais favoráveis de desenvolvimento. O Jardim de Infância seria o local onde se cultivariam essas plantas que são as almas das crianças. Com intenção educativa diferente dos movimentos da França, O Jardim de Infância alemão é uma proposta pedagógica para as crianças de pouca idade.” (Leite Filho, 1997, p.3)

A partir desse período da História surgiram vários outros teóricos que contribuíram com suas idéias sobre infância e pedagogia. Pestalozzi, Decroly, Montessori, Dewey, Freinet, Piaget, Vigotsky, dentre outros, marcaram a história da educação das crianças pequenas. Muitas delas estão presentes em nossos discursos e práticas cotidianas, até os dias de hoje.

Mesmo na impossibilidade de se falar de um sentimento único de infância, vemos que muitas dessas idéias permeiam a nossa relação com as crianças na escola, com os próprios filhos, o nosso entendimento do lugar que a criança pequena ocupa na sociedade e, conseqüentemente, a nossa prática enquanto educadores.

Capítulo 2

***Transformações sofridas pela família**

Para entender melhor as mudanças mais recentes pelas quais passaram a família, a educação das crianças e os modos de produção, tomarei como ponto de partida a segunda metade do século XX.

Grandes foram as transformações ocorridas nos últimos cinquenta anos... Neste capítulo, abordo as transformações que ocorreram nos modos de produção e suas implicações na forma com que as famílias passaram a se relacionar.

2.1- A família e a relação com os modos de produção

Por volta dos anos 50, parecia não haver grandes dúvidas nas questões relacionadas à educação dos filhos: as famílias, geralmente encabeçadas por pai e mãe, eram mais extensas, a mulher ainda não havia entrado de maneira tão incisiva no mercado de trabalho (e, por isso, tinha a possibilidade de acompanhar mais de perto a vida e educação das crianças) e havia um conjunto de normas e valores (muitos deles questionáveis... mas presentes) que serviam de balizamento para as ações com os filhos.

Nos anos 60, com a revolução sexual e a entrada maciça da mulher no mercado de trabalho, alteram-se radicalmente as relações familiares: a mulher, antes provida passa também a ser provedora, dividindo o poder com o homem e tendo a possibilidade de gerir a própria vida e a dos filhos de uma outra maneira.

Mas isso, com certeza, trouxe questões importantes para a compreensão das mudanças que repercutem até hoje, no que entendemos como família:

“Cientistas sociais como Christopher Lasch, antropólogos como Lévi-Strauss e historiadores como Eric Hobsbawm se deram ao trabalho de querer compreender o que mudou no espaço da casa, na codificação dos princípios de valor que regem a educação dos filhos, nas escolhas morais e religiosas feitas por essas novas famílias. Qual o papel do amor na família hoje? Quem é de fato responsável pela educação dos filhos? A quem cabe impor-lhes limites e distribuir moralidades e valores? Onde reside a autoridade da família hoje? (Donatelli, 2000, p.16)

Parece que saímos de um extremo ao outro, não entendendo muito bem esse novo lugar que passamos a ocupar... Negamos o passado, a maneira pela qual

fomos criados, quisemos nos distanciar de tudo aquilo... Mas ainda não conseguimos ocupar esse lugar de forma convincente... Fomos atropelados pelas mudanças socioeconômicas e ainda parecemos meio atordoados com isso.

“Enquanto foi possível manter claro o que se faria e quando na sociedade, ou seja, que seus atores originais deveriam cumprir tarefas e funções específicas, de certa forma os papéis sociais se mantiveram inalterado; porém, a manutenção dos papéis sociais ruiu na medida em que surgiam demandas vindas de fora: a economia que pressionava a mulher para que saísse de casa, o fim do patriarcado, o aumento da escolaridade feminina, entre outras razões (...)(Donatelli, 2000, p.30)

O que temos hoje é uma multiplicidade de arranjos familiares (em busca de novas respostas para questões antigas que dizem respeito à educação dos filhos), uma confusão de papéis e uma corrida louca atrás dos bens de consumo (afinal, hoje, costuma-se respeitar mais o consumidor que o cidadão!).

Esta mistura explosiva vem gerando distorções graves que têm afetado decisivamente a maneira de ver a infância e a forma pela qual ela mesma passa a se enxergar.

Neste panorama, as famílias parecem isoladas e solitárias para pensar e encaminhar a educação dos próprios filhos, possibilidade perdida, também, com a opção pela baixa natalidade e a falta de oportunidade de trocas com a família mais extensa. Isso vem resultando na formação de crianças mais “protegidas” e mimadas, mas nem por isso mais educadas e preparadas para enfrentar a vida e o convívio em sociedade.

Os pais estão cada vez mais ausentes de casa, na luta pela sobrevivência, no afã de oferecer às crianças o que “há de melhor” em cursos, atividades...Mas, enquanto estão nessa batalha, quem de fato se ocupa das crianças? Quem acompanha o seu dia-a-dia, com a possibilidade de uma escuta atenta, geradora de trocas? Quem vem transmitindo valores morais para elas?

2.2- Mudou...e agora?

Dificuldades observadas na relação entre pais e filhos

Como percebemos, todas as mudanças pelas quais vêm passando a família e a criança vem gerando sentimentos e formas de relacionamento, entre pais e filhos, conflituosos e descompassados.

Vemos, no dia-a-dia da escola, no contato com amigos e parentes, nos locais públicos, como praças, shoppings, clubes..., situações de impasse e desentendimento que revelam, claramente, as transformações sofridas pela família e sua forma de se relacionar com os filhos.. Não que os conflitos não existissem anteriormente (em se tratando do humano, basta que estejam dois em contato para que eles aconteçam, não é?), mas a forma como têm sido vividos é que nos chama a atenção.

Muitas crianças (e é a esta parcela que se dirige o foco desse trabalho), pelos motivos já citados anteriormente, têm encontrado pouca possibilidade de convivência com seus pais, ficando aos cuidados de empregadas, babás, avós, da escola, e quando conseguem tempo para a convivência com seus pais é que, na maioria das vezes, surgem os descompassos e dificuldades de relacionamento.

Ambos os lados, (pais e filhos), parecem depositar uma grande expectativa nesses momentos (já que eles costumam não ser freqüentes): as crianças querendo atenção total, (talvez para serem supridas do que tem faltado no cotidiano) buscam diferentes formas de chamar a atenção, seja mostrando o que já sabem, suas conquistas, como querendo impor suas vontades, usando freqüentemente o choro, a “pirraça” ou mesmo formas mais contundentes e agressivas de reação.

E como estas mesmas crianças têm encontrado os seus pais?

Geralmente, também desejosos de viver esses momentos, porém cansados e estressados pelo ritmo de trabalho imposto por um mercado extremamente competitivo e exigente, muito diferente da realidade possivelmente vivida num passado nem tão distante:

“O homem que teve sua vida adulta a partir do pós-guerra, tendo vivido durante o apogeu do chamado Estado de Bem-Estar Social, esteve cercado por uma realidade de emprego estável, de sindicatos fortes que o protegiam, podendo prever de modo exato o momento de sua aposentadoria e o quanto receberia. Desse modo, estava inserido numa realidade onde o tempo previsível lhe dava um senso de autoria sobre a própria vida. A constância de seus vínculos acontecia não só no trabalho como na convivência com a comunidade, permitindo assim que outras pessoas fossem testemunhas de sua trajetória, contribuindo para a construção de sua identidade e de seu caráter” (Mizrahi, 2004, p. 81)

Aqui, vale lembrar que o tempo e o espaço do público e do privado também vêm sofrendo grandes modificações...

Com o advento da Era da Informática e da Globalização, o trabalho, antes com espaço e tempo mais discriminados e estabelecidos, passa a fundir-se ao espaço da casa, da convivência familiar.

Mesmo quando não estamos nos nossos locais de trabalho (e hoje, cada vez mais, isso também vem se modificando, já que vários profissionais têm optado por abrir espaço na própria residência para trabalhar, sem a necessidade de deslocar-se ou ter um local específico para exercer a sua profissão ou atividade) continuamos “plugados”, recebendo e-mails, documentos, comunicados que, de certa forma, também subtraem o tempo e, muitas vezes, a qualidade da convivência com os filhos.

“A tendência detectada é a de uma apropriação pelas empresas modernas da imaginação do trabalhador, sendo dele esperado um envolvimento pessoal total. Se antes (...) o trabalhador possuía certas atribuições e tarefas mais claramente definidas, as quais deveria começar e concluir, hoje ele deve se acomodar a situações que não são previamente conhecidas, mas que se delineiam ao longo do tempo, absorvendo-o completamente. Essa mudança, que pode ser facilmente confundida com criatividade e autonomia, é, entretanto, marcada por um quadro de insegurança permanente, que sugere um aumento da submissão do trabalhador, que se esforça para garantir sua “empregabilidade” “. (Mizrahi, 2004, p. 67)

Podemos pensar que, mesmo aqueles pais que têm a possibilidade de trabalhar autonomamente, encontram-se, também, em situação similar, pois precisam atualizar-se ou equipar-se para tornar os serviços que oferecem mais competitivos.

Este, é apenas um dos aspectos observados... Outro, diz respeito à não disposição para frustrar as crianças (“Já que o tempo de convivência é tão escasso, como vivê-lo frustrando as crianças, fazendo-as chorarem ou ficarem tristes?”).

Opta-se, assim, muitas vezes, pelo não enfrentamento, pelas concessões excessivas que, a meu ver, ao invés de ajudar a criança a construir uma visão mais real do seu próprio espaço e do outro, dos limites, das regras sociais, passam uma imagem distorcida da realidade, conferindo à criança um lugar e poder ilusórios, que possivelmente não vão contribuir para o seu desenvolvimento pessoal e social.

“O enfraquecimento da autoridade na família faz com que ela se torne cada vez mais exposta ao controle externo: as regras da sociedade capitalista substituem o “super-ego” representante das normas paternas” (Mizrahi, 2004, p.38)

Neste contexto, as crianças perdem a grande oportunidade de perceber, dentre outras coisas, que não são o centro do Universo, que existe o outro e seus desejos... A criança passa a desconsiderar tudo aquilo que não seja o seu próprio desejo e isso, certamente, reverbera na sua forma de se relacionar, não só com a própria família, mas também nos diferentes espaços sociais e, dentre eles, a escola.

Capítulo 3

***Com a palavra, a família e a escola**

Em busca de algumas respostas para tantas questões levantadas e observadas, ouvi, como fonte para as minhas reflexões sobre esse tema, profissionais que atuam na área escolar (professoras, atendentes, nutricionista, coordenadoras, diretoras de escolas de Educação Infantil), alguns pais e crianças.

Utilizei como metodologia roteiros para cada um dos sujeitos sociais: profissionais que trabalham em escolas de Educação Infantil, pais e crianças, realizando, individualmente, encontros para conversas pautadas nos mesmos.

Durante as conversas, registrei, por escrito, as respostas dos entrevistados que, posteriormente, me auxiliaram nas diferentes reflexões.

No capítulo que trata da questão do consumo e, em especial, das relações que se estabelecem entre pais e filhos intermediadas pela aquisição de brinquedos, também utilizei um material obtido através de encontros com crianças, no espaço escolar. Nestes, propus algumas perguntas para pequenos grupos, sobre a sua relação com os brinquedos, quando ganhavam os mesmos de seus pais, formas e argumentos para obtê-los...

É necessário salientar que tenho consciência de que o instrumento usado para ouvir os diferentes sujeitos investigados poderia ser melhor estruturado em termos da realização de um trabalho acadêmico, não fosse o pouco tempo de que dispus para organizá-lo e também realizar as entrevistas.

Foram ouvidos nas entrevistas:

*duas diretoras de escola;

*três coordenadoras pedagógicas;

*duas atendentes que trabalham diretamente com as crianças em sala de aula;

*quatro professoras;

*uma auxiliar de coordenação;

*uma nutricionista;

*três pais;

*quatro crianças, com idades entre quatro e seis anos.

Devo destacar que foi muito importante ouvir os diferentes sujeitos acima descritos, pois suas falas e reflexões puderam, com certeza, enriquecer este trabalho.

Algumas das respostas confirmaram idéias que eu já tinha sobre o tema que se refere à relação entre pais e filhos e sua interdependência com o cotidiano da escola de Educação Infantil; outras, levantaram aspectos e considerações que me fizeram ampliar o olhar sobre essa questão.

Porém, onde encontrei maior dificuldade, surpreendentemente, foi com as entrevistas realizadas com as crianças... Talvez algumas das perguntas estivessem inadequadas para o entendimento possível desta faixa etária.

De qualquer forma, foi muito prazeroso ouvir o que elas tinham a dizer sobre este e muitos outros assuntos... Fez-me pensar que as ouvimos infinitamente menos do que precisamos e elas merecem...

A seguir, trago algumas das questões abordadas pelas pessoas ouvidas, por alguns teóricos e estudiosos sobre o tema da presente monografia, fazendo, também, os meus comentários.

De uma maneira geral, todas as pessoas adultas ouvidas identificam mudanças ocorridas, ao longo do tempo, na relação entre pais e filhos. A maioria das respostas refere-se mais às mudanças negativas, centradas nas possíveis faltas e “falhas” dos pais ao se relacionarem com os filhos:

“Sim. Em meio a tantas mudanças na história da relação entre pais e filhos a que mais me chama a atenção é o fato do pouco tempo que os pais e têm para ficar com seus filhos. Antigamente era comum que a família se reunisse para fazer as refeições, iam juntos ao supermercado, na feira e, **fundamentalmente, as famílias eram as que mais sabiam sobre os filhos.**” (E., professora)

Neste depoimento, a professora toca em um ponto muito importante, que está diretamente relacionado à questão do tempo de convivência entre pais e filhos, já mencionada anteriormente. Podemos pensar que este seja um dos principais aspectos que dizem respeito às dificuldades, pois pode levar, de fato, ao pouco conhecimento dos filhos, no que se refere à sua forma de ver e entender o que se passa à sua volta, suas angústias, sentimentos, reações... É como se os pais perdessem algo que já foi “natural” e conseqüente... é como se perdessem, enfim, um “tanto” da intimidade com os filhos...

Ao mesmo tempo, é preciso escapar a uma visão mais romântica, tanto da família aqui considerada como mais “antiga” (referenciada historicamente na segunda metade do século vinte), como da família atual. A resposta, a seguir, de uma professora questionada sobre possíveis mudanças na relação pais e filhos nos mostra isso...

“Sim. Muitas mudanças, algumas para melhor, outras nem tanto. Não posso dizer que as famílias eram mais unidas, mas com certeza o núcleo familiar era bem mais fortalecido. Parece-me que a estrutura familiar era mais organizada, os pais ficavam mais em casa e com isso mais próximos dos filhos, pelo menos fisicamente, e isso de uma forma ou de outra fazia com que as crianças fossem acompanhadas de perto. A função da educação da família também era mais definida, os pais tinham clareza de seu papel de educador, de transmissor de valores e regras. Os pais sentiam-se responsáveis, preocupados e ocupados com os filhos. **Às vezes, tenho a sensação de que alguns pais, hoje em dia, se preocupam muito com os filhos, mas se ocupam pouco deles**”. (A.R., professora)

Os pais, quando ouvidos sobre esta mesma questão, também reconhecem que houve mudanças, apontando aspectos positivos...

“Antigamente era mais uma relação de medo que de respeito, não havia espaço para a crítica; o adulto sabia, determinava tudo e, à criança, só cabia obedecer. Não participava como mais uma pessoa, era vista como uma pessoa que ainda ia crescer para poder fazer tudo isso... Aquelas crianças foram crescendo e quiseram melhorar a educação dos seus filhos, dar mais voz a eles.” (S., mãe)

...outros, destacando aspectos negativos dessas mudanças:

“Da educação da minha mãe para mim, não há nada de muito significativo. A diferença, hoje, em relação aos meus filhos é enorme! Muitas tecnologias, TV, meios de comunicação... As crianças recebem muito mais informação do que eu recebi. O consumo é exacerbado... As crianças não querem estar fora do contexto e a gente acaba abrindo mão de coisas que acredita que não são boas (deixar ver determinados canais de TV, novelas...). (P., mãe)

Mesmo sendo unânimes nas constatações sobre mudanças, as famílias entrevistadas destacam diferentes fatores:

“A mulher no mercado de trabalho também influencia muito, mais até pelo sentimento de culpa que elas carregam e que depois tentam compensar...” (P. mãe)

“A comunicação, a velocidade das mudanças, a globalização, tudo isso foi contribuindo para as mudanças.” (S., mãe)

Como podemos constatar, muitos são os fatores que têm provocado as mudanças na relação entre pais e filhos.

Segundo o psiquiatra Gley Costa* nos últimos 50 anos, assistimos a transição de uma educação muito rígida e repressiva para uma educação exageradamente permissiva e isso se deu não só no espaço da casa, como também no da escola. Pais e educadores estariam desorientados e divididos entre a imagem interna de seus pais e o ambiente social que os rodeia na atualidade.

“Não se deve colocar estas duas tendências em oposição, como se tivéssemos de optar por uma ou por outra; devemos, dentro das possibilidades, procurar integrá-las. (...) Mais que tudo, não devemos esquecer que a criança precisa de um modelo não apenas para se identificar, mas também para se opor e criticar, constituindo, assim a própria identidade, que será mais sólida, rica e verdadeira se integrar os pais do passado e do presente.” (Costa, revista *Pátio*, 2007).

As colocações do autor ficam verdadeiramente exemplificadas na fala de S., mãe de duas crianças, de 2 e 4 anos de idade:

“Eu, às vezes, ainda tenho a sensação de que tem muita coisa que acontece e que eu não gosto...Queria as respostas que a mamãe tinha pela imposição... eu queria algumas destas respostas pela negociação. Acho muito difícil a tarefa de educar. Ainda assim, acho a relação atual melhor que a de antigamente...”

Outro fator bastante relevante, no que diz respeito às mudanças ocorridas, refere-se às novas configurações familiares: passamos dos longos e duradouros relacionamentos (mesmo que não bem sucedidos...) envolvendo um homem e uma mulher, para uma gama maior de possíveis configurações familiares (envolvendo casais homo e heterossexuais), relacionamentos menos duradouros e “recasamentos”, denominados, atualmente, como famílias *reconstituídas*, dentre outras.

*Gley Costa é membro titular da Associação Psicanalítica Internacional.

É interessante pensar que tais mudanças não trazem apenas aspectos negativos na maneira de se relacionar, mas que, também, possibilitam formas mais ampliadas de se entender os relacionamentos:

“As relações entre os integrantes das famílias reconstituídas costumam ser mais tolerantes e democráticas, abrindo caminhos para uma maior aceitação das diferenças, condição fundamental de convivência em grupo que influenciará favoravelmente a vida escolar da criança e do adolescente.” (Costa, revista Pátio nº 41, p. 20, 2007)

Há que se destacar, pela sua importância, e como pano de fundo para todas as considerações tecidas até aqui, a crise de valores morais que vivemos em nosso tempo...

O que é o certo? E o errado?

Qual o significado das ações corretas nos dias atuais?

Elas são, hoje em dia, assim reconhecidas?

Trazem frutos para quem as pratica?

E quanto ao erro, qual o tratamento dado a ele? Qual o seu significado numa sociedade que tem pregado valores como o “se dar bem”, “ser esperto” para ter vantagens, ser bem sucedido...?

Há conseqüências quando os erros e crimes são cometidos?

Num mundo que vem sendo pautado pela pouca ética e uma supervalorização da estética, que valores transmitir às crianças?

Como “prepará-las” para o futuro?

Como contribuir para a sua formação?

Sabemos que as ações podem valer mais que mil palavras...

Atravessados pela violência, pelos crimes contra a vida, pelo abandono aos nossos semelhantes, pela impunidade, como nos portamos?

Que mensagens subliminares passamos aos nossos filhos com as nossas ações cotidianas, com o nosso silêncio, com a nossa inércia?

Também os adultos, pais contemporâneos, estão sem esteio, sem referenciais, sem, muitas vezes, conseguir discriminar o certo do errado, o justo do injusto e isso transparece no não posicionamento frente às crianças, na falta da manutenção de atitudes, no não enfrentamento durante as situações de conflito.

Apesar de desgastante, o exercício da autoridade e tudo o que ele traz em si, é o que também possibilita o crescimento dos filhos (na vivência da negação, da falta, surge o impulso para a busca de novas soluções; na constatação do limite do outro, fica sinalizado o limite para si próprio) e dos pais (na discriminação de papéis, há um outro, adulto, que vai se constituindo, pai e mãe, na medida em que se posiciona como “cuidador” dos filhos, modelo, sim, e responsável primeiro pela transmissão de valores para a sua formação moral).

No próximo capítulo veremos como o consumo e, especialmente, o brinquedo, podem estar intermediando as relações entre pais e filhos.

Capítulo 4

***O consumo e o lugar do Brinquedo nas relações entre pais e filhos**

“Uma vez, quando eu tinha quatro anos,
achei um caco de vidro no monturo.
lavei, enxuguei, guardei bem guardado
e fui comer com vontade, ficar obediente,
emprestar minhas coisas por causa do caco
porque tinha ele, porque eu podia, quando quisesse,
pôr ele contra o sol e aproveitar seu reflexo.”
(Adélia Prado)

Antes de começar a escrever sobre este tema, eu não tinha a dimensão de que um olhar sobre o Brinquedo pudesse me levar a refletir sobre tantos aspectos a ele relacionados: valores, a sua representação nos dias de hoje, sua função intermediando formas de relacionamento entre pais e filhos, das crianças entre si...

Diferentemente de algum tempo atrás, vemos uma grande quantidade de produtos e serviços específicos dirigidos à criança: vestuário, livros, espaços destinados ao seu lazer, música, teatro, publicidade, dentre outros, e um número sem fim de...Brinquedos. Tantas opções que podem aparentar uma atenção especial à criança, não significam, no entanto, que ela esteja sendo verdadeiramente vista, compreendida e respeitada nos seus direitos e necessidades reais.

Para melhor compreender a relação das crianças com o objeto Brinquedo, elaborei um roteiro com perguntas sobre diferentes aspectos da sua relação com eles. Usei como base para a elaboração das perguntas algumas observações que faço no dia-a-dia em duas escolas particulares de Educação Infantil, que atendem crianças de classe média: uma delas situada na Zona Norte e outra na Zona Sul, ambas na cidade do Rio de Janeiro.

É importante ressaltar que observo uma diferença significativa na relação das crianças das duas escolas com os brinquedos: numa delas, a que está situada no bairro da Tijuca, Zona Norte da cidade do Rio de Janeiro, mais tradicional, as famílias (e, conseqüentemente suas crianças) parecem mais suscetíveis à ação da mídia. Com maior freqüência e facilidade costumam absorver esses modismos, parecendo não

problematizar a questão do consumo destes produtos associados aos brinquedos e à forma como as crianças os utilizam (ou rapidamente deixam de utilizar).

Faltaria uma maior reflexão sobre isso?

Os pais teriam a dimensão dos valores que estariam permeando esta forma de se relacionar com estes brindes e brinquedos, enfim, com o consumo pelo consumo?

Sempre me chamou a atenção a quantidade de brinquedos que acompanha essas crianças à escola, diariamente, e como costumam chegar em “ondas”: tem sido muito comum, às 2^{as} feiras, muitas delas chegarem abraçadas com suas novas aquisições, quase sempre relacionadas a brindes que acompanham publicações, lanches de uma grande cadeia de alimentação ou filmes e marcas repetidamente trabalhados pela mídia.

O que impressiona, de fato, é a facilidade com que estes brinquedos são descartados (passado um pequeno período de tempo, parece que caem no esquecimento, pois não mais costumam vê-los na escola) sendo rápida e impiedosamente substituídos pelas novas promoções oferecidas no mercado. Apesar de visualmente atrativos, parecem não ter vida longa, um significado mais forte ou características próprias que mobilizem e desafiem a criança a mantê-los no rol de seus brinquedos preferidos.

“O consumidor-criança pode ser facilmente capturado pela cultura do consumo que, inserida num mundo *simulacional*, faz com que a realidade e a imagem não possam mais ser diferenciadas com nitidez. A construção subjetiva do homem contemporâneo está, neste final de século, absolutamente contaminada pelo uso que fazemos das imagens na relação com o cotidiano.” (Ribes et alli, 2000)

Trariam um quê de impessoalidade?

Estariam tão fortemente ligados à mídia que, quando esta cessa suas propagandas, cessaria também o desejo de com eles brincar?

“O brinquedo é um espelho fiel, não da realidade exterior, já que ela é cada vez menos realista, mas de uma realidade cultural, de uma visão de mundo e de criança. Olhar para o brinquedo é se confrontar com o que se é ou, ao menos, com a imagem do mundo e da cultura que se quer mostrar à criança.”(Porto,1998, p.171)

Acho importante ressaltar que observo, neste contexto, inúmeras situações de relação entre pais e filhos em que os brinquedos aparecem como “mediadores dos conflitos”: assisto a vários diálogos em que o brinquedo é utilizado como moeda de barganha:

“Se você não fizer tal coisa, pode esquecer o Game Boy” ou “Assim não vamos sair de tarde para comprar o que você me pediu...” e etc.

Vemos, assim, que uma maneira muito usual de negociar com as crianças, vem subsidiada pela barganha com a possibilidade de aquisição de brinquedos, já que, também, o próprio lazer dos pais e filhos encontra-se mais restrito aos espaços de consumo, como shoppings...

“(...) uma vez reduzido o tempo das experiências e a qualidade das relações materiais e interpessoais, mudam os modos com que as subjetividades se constroem (Baudrillard, 1995). Se, anteriormente, o homem distribuía seu tempo entre o trabalho e o repouso (a família e a festa), hoje ele passa a dividir esse tempo com o consumo, agora, transfigurado em lazer.” (Ribes et alii, 2000)

Na outra escola citada, que está situada mais próxima à Zona Sul, da mesma cidade, também vejo muitos brinquedos trazidos, porém, apesar de muitos deles não fugirem dos modismos impostos nas propagandas, principalmente através da televisão, observo que são mais variados e, aqueles acoplados a brindes, aparecem em número bem mais reduzido quando relacionados à primeira escola mencionada.

Não quero com isso ter uma visão maniqueísta (uma escola é só “do bem” e, na outra, a atitude dos pais é sempre equivocada...), mas realmente, pus-me a pensar no porquê dessa significativa diferença, relacionando-a, inclusive, às escolhas dos pais por este ou aquele projeto pedagógico, valores presentes nas diferentes famílias, “leitura de mundo”, mais ou menos crítica ou comprometida com mudanças e sobre a lógica que vem regendo as nossas ações e relações.

Conseguiriam eles, pais, ter a dimensão do que pode estar significando para as crianças, em termos de formação de valores, dentre outras coisas, o ato do consumo pelo consumo destes brinquedos, imediatamente seguido pelo descarte? Que valor podem (ou não) os pais atribuir às práticas que levam em conta a subjetividade de cada criança e como isso pode se revelar na hora da escolha por esta ou aquela forma de se relacionar com o ato do consumo?

É preciso destacar que tais escolhas revelam opções pela perpetuação de valores (equivocados, muitas vezes) ou pela leitura crítica do mundo que nos cerca; de aceitação

pacífica ou da necessidade de uma postura reflexiva, *sempre*, permeando as nossas escolhas.

Voltando à questão mais restrita do Brinquedo, elaborei algumas perguntas para serem respondidas por crianças, que poderiam nos dar algumas pistas para melhor entender o que pensam e como se relacionam com o universo dos brinquedos:

****Você tem muitos brinquedos?***

****Quais os seus preferidos?***

****Você ganha muitos brinquedos dos seus pais? Quando?***

****Você costuma pedir brinquedos aos seus pais?***

****Como você os convence a comprá-los?***

****Você tem tido tempo para brincar com os seus brinquedos?***

****Você costuma brincar sozinho ou com alguém? Quem brinca com você?***

****Você acha importante brincar com os seus brinquedos? Por que?***

Consegui conversar sobre o tema com várias crianças, porém, por uma questão de tempo e “logística”, só numa das escolas, a segunda citada, mais próxima à Zona Sul. As crianças estavam no chamado Período Integral (fora do horário regular de aula, que é à tarde), em turmas com crianças de idades variadas, (de 4 a 7 anos) sempre em grupos de 3 ou 4. Para não alterar a dinâmica da própria turma, foram entrevistados 2 grupos de meninas e um grupo de meninos.

Todas as crianças consideraram que têm muitos brinquedos e que seria difícil “quantificá-los”.

Quando perguntei sobre os brinquedos preferidos de cada uma delas, as respostas foram bem variadas e algumas incluíram no rol dos brinquedos filmes:

-“Eu tenho um DVD do Cocoricó que é muito chato...e o da Moranguinho também... Ela só come morango e eu odeio morango, acho muito azedo...”

Quando tratamos da ocasião em que ganhariam brinquedos, com exceção de uma criança, todas responderam que havia datas específicas para isso: Natal, Dia da Criança, Aniversário e uma citou a Páscoa; uma delas, de origem italiana, também falou sobre “Abefana” (Dia das Bruxas na Itália?). A que foi exceção, disse que ganha presentes todos os dias *porque “é fofinha e os pais acham que ela é uma bebezinha...”*

Em relação ao pedido de brinquedos, quase todas dizem fazê-lo, mas parece haver já uma expectativa de que estes pedidos possam ou não ser atendidos:

“-Eu só peço às vezes, quando é baratinho... tem vezes que eles compram e outras não.”
“-Só quando tem dinheiro e eles são bonzinhos; quando não dão, não são bonzinhos...”

Também apareceu uma fala bem interessante de uma negação e, ao mesmo tempo, de uma grande valorização do brinquedo criado pela própria criança:

“-Se eles não derem o brinquedo, a gente vai inventar um novo; aí, ela prefere não comprar porque gosta do brinquedo que eu faço...”

As crianças citam inúmeras formas de convencer seus pais na hora em que pedem brinquedos, desde “ajoelhar e prometer que vão fazer tudo certinho”, até usar estratégias bem elaboradas:

“-Quando alguém tá na dúvida de um presente mais caro e outro mais baratinho, a pessoa pensa que eu quero o mais caro e eu digo assim: Qual é o mais caro? Aí, eu falo assim: Eu quero o mais baratinho, que nem eu fiz no Dia das Crianças...”

Quando conversamos sobre o tempo disponível para as brincadeiras, houve uma divisão: uma parte das crianças disse que tem tempo, sim, de brincar (e com os pais, empregada e amigos que vão até suas casas), e outras citaram uma série de afazeres da escola e a própria rotina como um empecilho. Nesse momento da entrevista, também surgiu o tema da televisão na disputa pelo tempo disponível:

“-Em casa, às vezes, eu só vejo televisão.. Eu fico de boca aberta e nem respiro...Eu adoro! Eu vejo até novela...”

No último item conversado, se era importante brincar com os brinquedos, as respostas foram “saborosas”:

“-É importante brincar para não ficar prestando atenção em coisas chatas... (nessa hora, pensei nos noticiários da TV...) A gente brinca prá não ficar cansada...”

“-Eu acho que os pais gastam muito dinheiro prá nada se a gente não brincar...”

“-A criança não tem nada pra fazer e aí brinca, pra não ficar chateada...”

“-Eu acho muito importante brincar porque a criança não tem muita coisa prá fazer em casa...
“Quando ela tem brinquedo elétrico, ela também pode brincar de outra coisa, mas o brinquedo elétrico é mais legal... me interessa mais, mas os que mudam de forma também me interessam.”

“É importante brincar porque, por exemplo, se eu não brincasse, eu tinha que ficar dobrando roupa com a minha mãe!
Brincar é uma coisa da criança... ninguém pode tirar isso da criança!”

Podemos pensar nas escolhas dos adultos e em como estas podem produzir diferentes olhares e influenciar as histórias das crianças, imprimir marcas que estarão permeadas por estes ou aqueles valores. Porém, uma das observações mais marcantes, diz respeito à análise do depoimento sobre a vontade de partilhamento (pelas crianças) dos momentos de brincadeira com os pais, pois isso surgiu com muita força durante os encontros realizados.

“Eu queria brincar com o meu pai, mas não dá tempo...” (J.P., 7 anos)

“O que eu mais gosto é de brincar de cabana com eles...mas eles não deixam! Já brinquei com meu irmão. A cabana dele é de soldado, de mentira, feita de carta...” (L., 4 anos)

“Colocar a fantasia de bailarina com coroa e dançar pra todo mundo ver...” (L., 4 anos)

“Andar de bicicleta na Lagoa.” (R., 5 anos)

“Gosto de brincar de “jato raiônico” (brincadeira com mangueira d’água)...é bem legal.” (R., 5 anos)

As falas das crianças me fizeram pensar que, mais que o brinquedo em si, o que elas desejam é o CONTATO que se pode estabelecer através do brinquedo...

Destacaram as brincadeiras mais simples e que não exigiam a aquisição de nenhum bem de consumo mais caro. Porém, aí, entra a questão da disponibilidade (aqui foco o olhar na relação de pais e filhos mesmo...): interna, de tempo, de ânimo, de físico.

Estaria faltando a nós, pais e mães, uma compreensão maior sobre o que está acontecendo na nossa relação com os filhos?

Que escolhas temos feito (e em algumas situações podemos ter opções, sim!) e o que isso pode estar significando?

Estaríamos, também, na forma de nos relacionarmos com a questão do consumo, sendo levados somente a reproduzir os padrões impostos por uma sociedade que só reconhece aqueles que têm o poder da compra?

A seguir, trarei algumas reflexões sobre o tema da relação entre pais e filhos revelada no cotidiano da Educação Infantil.

Abordarei, também, algumas questões que dizem respeito à própria escola: lacunas e descompassos no seu olhar sobre a criança e a família contemporânea.

Capítulo 5

***Pais, filhos e o dia-a-dia da Educação Infantil**

Por muitos anos em sala de aula (no contato direto e diário com as crianças) e também como coordenadora de turmas de Educação Infantil (acompanhando de perto, não só as crianças, mas também suas famílias), vejo, cada vez com maior preocupação, como estamos perplexos frente à educação... Parecemos perdidos, sem norte ou qualquer direção que nos sirva de luz no caminho a percorrer com as famílias e as próprias crianças. Em nossas atitudes, o que antes parecia tão normal e conseqüente, passou a ser um esforço, nem sempre recompensado com bons resultados.

Quem é a criança que educamos hoje?

Do que realmente necessita?

Que sentimentos vêm permeando as nossas ações junto a ela?

Quais as nossas expectativas em relação às famílias e sua atuação junto às crianças?

Nós, da escola, também não podemos deixar de reconhecer que temos a nossa parte neste turbilhão de mudanças, como pessoas (que viveram um outro modelo de família e, portanto, têm um estranhamento com as configurações atuais) e como instituição (ainda presos a expectativas de atuação e parceria com as famílias, que já não existem ou podem acontecer nos dias de hoje).

Como já foi dito anteriormente, inúmeras são as causas dos descompassos observados na relação entre pais e filhos e os seus reflexos no dia-a-dia da Educação infantil...

Neste capítulo, “ouviremos” o depoimento de diferentes profissionais da escola sobre o que observam, enquanto dificuldade, decorrente do tipo de relação estabelecida entre pais e filhos.

Ainda a partir da pergunta: “Como você vê a relação pais e filhos hoje”, temos as seguintes respostas:

“Vejo maior participação do casal, isto é, tanto do pai quanto da mãe na vida escolar dos filhos; eles não têm “medo” dos pais, participam das decisões, dizem o que desejam..; porém, o que cabe a cada um parece não estar claro, discriminado. Os filhos costumam compartilhar de coisas que não são do âmbito deles. Na tentativa de ser próximos, o pai e a mãe se colocam como iguais.” (L., Diretora pedagógica)

Vemos, aqui, um dos nós da escola... Crianças que não reconhecem na figura dos adultos uma autoridade... Relutam, assim, para aceitar o que se trabalha enquanto regras e combinados, muitas vezes parecendo não compreender o que é dito pelos adultos, os limites colocados, o que gera conflitos, também, entre os professores e as crianças.

Já chegamos a um ponto de constatação de que é preciso ter uma compreensão maior dos processos vividos pelas crianças e suas famílias, porém, ainda não conseguimos nos instrumentalizar para efetivar as mudanças necessárias.

“Como vivemos num mundo de valores muito diferentes dos vividos por nós como alunos e cidadãos, muitas vezes, diante das mudanças que surgem nos sentimos bastante desinstrumentalizados para lidar com o novo e ajudar as famílias a enfrentar o cotidiano que nos é apresentado.” (K., Coordenadora pedagógica)

Muitos dos profissionais ouvidos colocam a “auto-centração” das crianças como uma das grandes dificuldades vividas no cotidiano da Educação Infantil: seja na hora de partilhar espaços, brinquedos ou atenção; na fala excessivamente individualista, que muitas vezes desconhece a opinião e desejos do outro (mesmo esta sendo uma das características da faixa etária ora abordada); no “*mas eu quero*”, que não assimila todos os argumentos apresentados na hora dos conflitos e negociações...

“Os pais ficam mais cansados e permissivos, não colocam limites...Em casa tudo pode e na escola a criança esbarra com o NÃO. Ela vai querer peitar e fica difícil. Ela diz que em casa pode...” (F., professora)

A reboque, também constatamos muitas situações onde a competição toma uma grande proporção, o que ocasiona muitos desentendimentos, nos pequenos detalhes ou momentos do cotidiano: eles querem ser os primeiros a ser

chamados, a ganhar o pincel para a pintura, a sentar próximos à professora, a chegar à aula de música...

Em relação a este item, não podemos deixar de lembrar a expectativa dos pais em relação à “formação” dos filhos para enfrentar, no futuro, o mercado de trabalho.

Nesta perspectiva, não estaríamos, também, vendo as nossas crianças de hoje como tábulas rasas a serem preenchidas com um sem fim de atividades que vão levá-las... para onde mesmo? Não seria essa também uma visão de incompletude, de um sujeito que ainda não é? Mas, o que ele vai ser? Por onde está caminhando? O que é, de fato, o seu presente? E a tendência a encurtar a infância, também observada no passado... Não estaria presente na maneira como os adultos se relacionam com os filhos hoje?

“A pequena burguesia, culpada e desejosa de ascensão, projeta nos filhos todas as suas expectativas e necessidades. Os filhos estão sempre em primeiro lugar. Nada se pode fazer sem antes considerá-los. O que não é feito de acordo com esta idéia é pura barbárie e desamor... Esse estado individualista exacerbado se insurge no seio de uma cultura burguesa na qual os filhos (...) determinam, na maioria dos casos, as ações do grupo familiar.” (Donatelli, 2000, p.68)

Voltando às entrevistas, tive oportunidade de ouvir uma nutricionista, que trabalha de maneira muito próxima às crianças da Educação Infantil, que também levantou questões importantes relacionadas às dificuldades observadas na escola, em relação à alimentação das crianças.

“Os pais têm cada vez menos tempo, vivem uma corrida. Com isso, acabam abrindo mão de conceitos importantes em relação à alimentação, *e ficam só em cima do que as crianças pedem...*

A representação da alimentação na vida das pessoas é muito grande, fazem a sua história. Hoje elas (as crianças) não têm mais a lembrança da comida da mãe, da comida com gosto de mãe...A comida fica globalizada. Aí vamos criando uma dependência do alimento industrializado.” (S., nutricionista)

Esse aspecto revela-se especialmente importante para as famílias de crianças que passam de 9 a 10 horas diárias na escola. Apesar de não ter a oportunidade de viver em casa os “preceitos da alimentação saudável” (pois os adultos

também estão se alimentando mal, comendo excessivamente alimentos industrializados, ingerindo apressadamente a comida...), os pais têm a expectativa de que a escola dê conta desta questão, fazendo com que seus filhos comam frutas, legumes e verduras ...

“Acho que tem uma dificuldade de experimentar o novo que não seja carregado de uma propaganda. Se não tiver todo um aparato para experimentar o novo, isso não acontece...A mídia tem um poder muito grande no mundo moderno...Ela invade a sua vida e a gente não se dá conta. As crianças também não escapam disso...(S., nutricionista)

Desta forma, depositam na instituição a tarefa de suprir todas as possíveis falhas que, em casa, pelos motivos já apresentados, não têm conseguido dar conta...

Isso também diz respeito à questão da formação de valores e à maneira como o individual e o coletivo devam ser tratados:

“Os pais esperam que a escola dê conta de tudo: acolha, entenda, coloque limites, seja afetivo, seja firme, rigoroso, cobre. É como se quisessem ao mesmo tempo um olhar moderno e um tradicional; ser ouvido, ser incluído, e, ao mesmo tempo, ouvir definições e decisões. Eles querem tudo, mas, em se tratando do próprio filho, querem que as medidas levem em consideração todos os aspectos individuais da situação, como se a regra fosse ótima, mas para os outros...(L., Diretora Pedagógica)

Aqui vemos, novamente, como a questão do individualismo, neste caso de pais e filhos, também aparece com força no dia-a-dia da escola, revelando como tem sido difícil viver em uma sociedade onde os valores e as regras de convívio estão muito fragilizados, já que o que o tempo é o de “cada um por si”...

“Na hora de atender a gente, parece que a gente não tá nem ali...não reconhece o que a gente diz...” (L.A., atendente)

Neste contexto, vemos de muitas famílias uma excessiva interferência no que diz respeito aos encaminhamentos que deveriam ser da escola que, por outro lado, também encontra-se mais confusa e fragilizada, querendo atender às demandas das famílias e, ao mesmo tempo, manter uma coerência com as suas crenças e valores.

Isso fica especialmente difícil no âmbito das escolas particulares que, no fundo, prestam um serviço a determinada clientela. Algumas destas instituições procuram discutir mais, internamente, no intuito de achar um ponto de atuação que garanta os seus pressupostos ideológicos, ao mesmo tempo em que não perca de vista as novas demandas que vão surgindo.

Mas este costuma ser um caminho longo e pedregoso...

Nós da Escola também estamos presos à essa teia, emaranhados no consumismo (afinal, por quem é formada a Escola ?), sem tempo adequado para dedicar aos próprios filhos, correndo apressadamente de um emprego para o outro, comendo mais comidas industrializadas do que certamente gostaríamos... Ainda tendemos a buscar mais soluções dentro de modelos antigos que já não podem trazer as respostas de que precisamos.

“Talvez a escola precise repensar o seu papel, já que a sociedade mudou, a família mudou, e a escola, então, pode mudar. Muitas crianças passam mais horas na escola do que em casa, isso é correto, adequado? Não sei, pensaria que não, mas é real, então, se recebemos uma criança durante 10 horas do dia, nossa responsabilidade com ela aumenta significativamente.” (A.R., professora)

Como vemos, são muitas as questões a serem respondidas...

Mas, onde encontrar as respostas para tantas indagações?

***Considerações finais**

Embasada pelas leituras mais recentes, principalmente aquelas propostas pelo curso de formação, ora em conclusão – Perspectivas de Trabalho em Creches e Pré-Escolas, PUC-RIO, vai ficando cada vez mais claro que é preciso haver uma compreensão das mudanças sócio-histórico-culturais que temos vivido: as novas formas de inserção dos pais no mercado de trabalho, as diferentes configurações familiares, o tempo cada vez maior que as crianças permanecem nas instituições de Educação Infantil e o consumo exacerbado que vem, de forma avassaladora, e sem que a maioria das pessoas possa se dar conta, privilegiando a aquisição de bens de consumo e interferindo nas formas de convivência e relacionamento.

Dentro deste contexto, a Escola precisa reinaugurar um novo olhar sobre a Criança, a Família e sobre si própria. Um olhar que não seja de cima para baixo, mas que contemple as “vozes” de todos na busca de uma forma de se relacionar e encontrar caminhos baseada na confiança, nas trocas e na construção de soluções coletivas, solidárias e criativas. É preciso haver parceria, diálogo e, desta forma, fortalecimento das relações, e dos laços de confiança. É preciso que se abram espaços para a discussão das funções e papéis da família e da escola, sabendo-se que, em muitos pontos, eles irão se encontrar e justapor.

Um fator da maior importância se refere à *formação continuada de TODOS aqueles que trabalham na escola*, propiciando, assim, a ampliação da compreensão dos processos sociais que vivemos, o que eles trazem como contribuição ou transtornos no convívio escolar, possíveis encaminhamentos para as questões, gerando, continuamente a construção de novos modelos que possam dar conta das demandas surgidas na própria vida e no espaço escolar.

A Escola poderia, também, incluir os pais, quando pensasse no aspecto de formação; afinal, de que fóruns eles dispõem, hoje, para pensar, refletir, discutir as questões contemporâneas e suas implicações, não só no espaço da escola, mas também nas ações mais cotidianas dos pais e dos filhos?

Também fica evidente que a Escola e a Família precisam construir um estreitamento em sua relação, como forma de buscar um novo olhar sobre os

papéis que lhes pertencem, assim como desenvolver uma visão mais crítica e que permita a opção por atuações mais equilibradas no que diz respeito às diferentes demandas.

Que a escola, enquanto instituição privilegiada neste contexto, possa servir como espaço de discussão, reflexão e formação de seus profissionais, dos pais e das próprias crianças, *valorizando em seu currículo, não apenas o aspecto cognitivo, mas também o formativo.*

Que o seu olhar possa estar **atento e sensível** para a forma como vão se estabelecer as relações entre todos, dos significados que estarão permeando estas mesmas relações e o que ela, Escola, escolherá como foco para as suas discussões, buscando incentivar as trocas em rodas de conversas, convite a especialistas para debater um determinado assunto, enfim, um convite verdadeiro à participação da Família no âmbito escolar.

Não há soluções mágicas, ***mas uma intenção verdadeira de parceria*** pode abrir caminhos e nos trazer algumas das respostas de que tanto precisamos...

***“Eu sempre sonho que uma coisa gera,
nunca nada está morto.
O que não parece vivo, aduba.
O que parece estático, espera.”***
(Adélia Prado)

Referências Bibliográficas:

ARIÈS, Philippe. “A descoberta da infância”; “Os dois sentimentos da infância” In: *História social da criança e da família*. Rio de Janeiro, Guanabara, 1985.

BENJAMIN, Walter. *Reflexões sobre a criança, o brinquedo e a educação*. São Paulo, Duas Cidades; Ed.34, 2002.

COSTA, Gley. “A nova família vai à escola” In: *Revista Pátio*, Ano XI, nº 41, fev/abril, Ed. Artmed, 2007.

DONATELLI, Dante. “Público e Privado: as contradições dos espaços sociais”. “Que Família?”. In: GARCIA, Beatriz (org.) *Quem me educa? A família e a escola diante da (in)disciplina*. São Paulo: Arx, 2004.

FARIAS, Sonimar. “História e política da educação infantil”. In: KRAMER, Sônia et alii. *Educação infantil em curso*. Rio de Janeiro, Ravil, 1997.

KRAMER, Sônia. “Pesquisando Infância e Educação”. In: KRAMER, Sônia e LEITE, Isabel Ferraz Pereira (org.) *Infância: fios e desafios da pesquisa*. Campinas, São Paulo: Papyrus, 1996.

LA TAILLE, Yves de, “O Despertar do senso moral”. In: *Revista Pátio Educação Infantil*. Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Artmed, nº 7, março/junho, 2005.

LEITE FILHO, Aristeo, “Educadora de Educadoras: trajetória e idéias de Heloísa Marinho Educadora. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 1997. *Dissertação de Mestrado*.

MIZRAHI, Beatriz Gang. *A relação pais e filhos hoje – a parentalidade e as transformações no mundo do trabalho*. São Paulo, Edições Loyola, 2004.

PINTO, Manuel e SARMENTO, Manuel Jacinto. “A Infância Como Construção Social”. In: *As crianças: contextos e identidades*. Centro de Estudos da Criança, Universidade do Minho, Braga, Portugal, 1997

PORTO, Cristina Laclette. “Brinquedo e brincadeira na Brinquedoteca”. *Infância e produção cultural*. Campinas, São Paulo: Papyrus, 1998.

PRADO, Adélia. “Uma Forma Para Mim”. In: *Bagagem*. Rio de Janeiro, Editora Guanabara, 1986.

RIBES, Rita Marisa Pereira. Ladrões de sonhos e sabonetes. In: JOBIM e SOUZA, Solange (org.) *Subjetividade em questão: a infância como crítica da cultura*. Rio de Janeiro, 7Letras, 2000.

ROSEMBERG, Fúlvia e CAMPOS, Maria Malta. (org.) *Creches e pré-escolas no hemisfério norte*. São Paulo: Cortez; Fundação Carlos Chagas, 1998, 2ª edição.

SOUZA, Solange Jobim e, “Educação na Pós-modernidade. Educar para Quê?” e “Educação e Felicidade na Sociedade de Consumo”. In: *Educação @pós-modernidade*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2003.

Apêndice

Aqui, encontram-se os roteiros de perguntas dirigidas aos profissionais que trabalham em escolas de Educação Infantil, pais e crianças.

Perguntas aos Pais

1-Dados gerais

Nome:

Idade:

Nome do(s) filho(s)

Idade(s)

Profissão:

Ocupação Atual:

- 1) Historicamente, você percebe mudanças na relação entre pais e filhos?
Quais?
- 2) O que você acha que provocou essas mudanças?
- 3) Como você a relação pais e filhos hoje?
- 4) Como você vê a sua relação com seu(s) filho(s)?
- 5) Você encontra dificuldades na relação com seu(s) filho(s)? Quais?
- 6) Quais os fatores que possivelmente interferem na sua relação com seu(s) filho(s)?
- 7) O que você valoriza na sua relação com seu(s) filho(s)?
- 8) Você tem uma ocupação profissional? Qual?
- 9) Quantas horas costuma ficar fora de casa?
- 10) Esse tempo coincide com o horário em que seu(s) filho(s) fica(m) na escola?
- 11) Costuma trazer trabalho para fazer em casa?
- 12) Se você trabalha em casa, quanto tempo dedica às tarefas profissionais?
- 13) Ocupa-se profissionalmente nos finais de semana? Média de tempo...
- 14) Você acha que seu(s) filho(s) encontra(m) dificuldades na escola?
Quais?

15)A que fatores você atribui estas dificuldades?

16)O que você espera da instituição escola hoje?

Você se sente atendido nas suas expectativas? Por que?

17)Se houvesse possibilidades, o que você mudaria na relação com os seu(s) filho(s)?

Perguntas às Professoras, Atendentes e outros profissionais da escola

Nome:

Idade:

Profissão:

Cargo que ocupa na escola:

Há quantos anos trabalha com Educação?

- 1) Historicamente, você percebe mudanças na relação entre pais e filhos?
Quais?
- 2) O que você acha que provocou essas mudanças?
- 3) Como você vê a relação pais e filhos hoje?
- 4) Qual a maior dificuldade das crianças revelada no ambiente escolar?
- 5) A que fatores você atribui essas dificuldades?
- 6) O que você acha que os pais esperam da escola hoje?
- 7) Você considera que a escola está preparada para lidar com as novas demandas de pais e filhos?
- 8) Qual a contribuição que a escola poderia dar para atender às demandas das famílias, sem abrir mão de seu Projeto Político Pedagógico?

Perguntas a Coordenadores e Diretores de Escola

Nome:

Idade:

Formação Profissional:

Cargo que ocupa na escola:

Há quantos anos trabalha com Educação?

- 1) Historicamente, você percebe mudanças na relação entre pais e filhos?
Quais?
O que você acha que provocou essas mudanças?
- 2) Como você a relação pais e filhos hoje?
- 3) Qual a maior dificuldade das crianças revelada no ambiente escolar?
- 4) Qual a maior dificuldade das famílias na relação com a escola?
- 5) A que fatores você atribui essas dificuldades?
- 6) O que você acha que os pais esperam da escola hoje?
- 7) Você considera que a escola está preparada para lidar com as novas demandas de pais e filhos?
- 8) Qual a contribuição que a escola poderia dar para atender às demandas das famílias, sem abrir mão de seu Projeto Político Pedagógico?

Perguntas às Crianças

Nome da Criança:

Idade:

Número de horas que a criança passa na escola:

- 1) Quem costuma cuidar de você quando você não está na escola?
- 2) Você costuma ver os seus pais todos os dias?
- 3) O que vocês fazem juntos?
- 4) O que você e seus pais fazem juntos nos finais de semana?
- 5) O que você mais gosta de fazer quando está com os seus pais?
- 6) O que você gosta, mas não tem feito com os seus pais?
- 7) E na escola, o que mais gosta de fazer?
- 8) O que você gosta de fazer na escola, mas não tem feito?
- 9) Há alguma coisa que você pode fazer em casa e que não pode fazer na escola?
- 10) Há alguma coisa que você pode fazer na escola e que não pode fazer em casa?
- 11) Por que você acha que isso acontece?
- 12) Se pudesse, o que você mudaria na sua relação com os seus pais?
- 13) E na escola, o que você gostaria de mudar?
- 14) Você se sente feliz na escola? Por que?